

TREM BAIANO FALAS

ESCRITO POR
ROBSON CAVALCANTE
E CLAUDEMIR SILVA

1 (Terônio da Silva) - O pessoal chamava de "trem", né? "Trem Baiano".

2 (Gerusa) - Não, não. Ia pra outros lugar, também. *(Contando nos dedos)* Petrolina... Caruaru... Juazeiro, pra pagar promessa. Não era só pra Bahia, não, que o pessoal ia.

- Flecheiras...

- Garanhuns...

- Mocó Magro...

- Recife, também...

- Patos...

- Natal...

- Trancoso...

- Camaçari...

- Feira de Santana...

3 (Benedito Lopes) - Porque economizava, né? A pessoa não ia pagar pra fazer uma viagem que podia fazer de graça.

4 (Silvaneide da Silva) - Naquele tempo era bom, dava pra visitar mais o pessoal. Porque eu vim pra aqui quando era criança, mas a minha família é toda de Cajazeiras, na Paraíba. Aí, pra a pessoa 'tar se deslocando... né?

25 (Inhame) - *(Alguém cantando "Feira de Caruaru", de L. Gonzaga)*

5 (Fabiano Aparecido) - Eu mesmo fui lá comprar rede. Cada rede boa, que tinha. Durou que só, a rede que eu comprei lá. Eu fui e vim no trem.

6 (Maria da Conceição) - Eu vendia roupa de criança naquele tempo. Aí, era bom porque a gente ia, né? Comprava, cada um, as suas coisinha, cada um resolvia os seus negócio que tinha pra resolver. Depois a gente se juntava num campo, o motorista pegava a gente e trazia pra casa. Agora, assim: ele só saía de lá quando 'tivesse todo mundo. Se ficasse um lá, ele não saía, não. Era muito bom o, motorista.

2 (Gerusa) - De graça, não. Não era de graça. A gente só não pagava pra ir daqui até lá, mas, chegando lá, tinha que ter dinheiro pra pegar a Kombi, se não, como era que a gente ia chegar na feira de Caruaru? Porque ele não deixava a gente na cidade, mesmo, não. Era perto da cidade, mas não era na cidade, entendeu?

8 (Josefa Maria) - O meu menino, mesmo, passava a viagem todinha chorando por causa do formigamento.

1 (Terônio da Silva) - Entrava todo o pessoal, aí o motorista dizia: "Vou ligar", aí todo mundo já se preparava, porque, naquilo que ele ligava, a gente começava a sentir aquele formigamento, sabe? Nas mão, nos braço, nas perna...

9 (Francisco Barbosa) - É. Depois que dava aquele negócio estranho no corpo, a pessoa olhava pra qualquer canto mas só via tudo colorido.

4 (Silvaneide da Silva) - Que nem o arco-íris. Não é? Não tem o arco-íris? Pronto. Agora imagine você bem pertinho do arco-íris. Aquelas cor tudo misturada na sua frente. Era assim lá dentro.

1 (Terônio da Silva) - Ele era meio caladão. Não falava muito, não, o motorista, mas ele era legal. Eu gostava dele.

5 (Fabiano Aparecido) - Agora ali dirigia bem, viu? Era de um jeito que ninguém sentia quando ele fazia a curva, quando freava.

3 (Benedito Lopes) - Eu nunca vi ninguém dirigir daquele jeito, não.

10 (Denilson - "Coioote") - Eu era doido pra dirigir aquele bicho, oia! O cabra moleque, né? Sem ter noção de nada... Quase pedi pro motorista deixar eu dar uma voltinha, mas não cheguei a pedir, não.

11 (Petrúcio Carneiro) - Meu pai me levou uma vez, no Trem Baiano, pra pagar uma promessa que ele tinha feito quando eu era doente. Porque eu era bem doente, sabe? Quando era pequeno. Aí, mais ou menos dois ano depois, quando o meu pai já tinha falecido, eu fui pra São Paulo, pra trabalhar, pra ajudar a minha mãe. Aí, uma vez, eu, caminhando com um amigo meu que conhecia o lugar, eu vi um negócio no chão, que eu achei esquisito. Eu perguntei: "Luciano - era Luciano, o nome dele -, Luciano, que danado é isso?", Aí ele disse, né? Que era a linha do trem. Me explicou que os trem passava em cima daqueles ferro. Eu pensei: "Oxe, que trem invocado da porra...". Aí, eu perguntei: "E todo trem daqui precisa desses ferro pra andar, é?", e ele disse: "Todo trem do mundo precisa disso, senão, como é que vai andar?!". Foi aí que eu me liguei.

12 (Altemir Vieira) - Hoje, Carcará tá bem melhor, né? Se comparar com aquele tempo. Porque antigamente, nem luz tinha. A gente tinha que queimar lata, vivia na base lampião, do candeeiro. O cheiro de gás chegava a incensar a casa.

13 (Carlos Gonzaga) - Televisão, computador, essas coisa, ninguém tinha, não, aqui, não. Quando tinha, era aquele radinho de pilha. O Sr. Antônio, mesmo... Hoje ele não é vivo mais, não, mas o Sr. Antônio tinha um de madeira, daqueles que o pessoal chamava de "guarda-barata".

14 (Pedro José) - Lá em Carcará, hoje em dia, tá bom demais. Tem colégio, tem energia... Mas naquela época, o que tinha era um bocado de matuto que só sabia trabalhar de roça e que nascia e morria lá mesmo.

15 (Irandir Evaristo) - Até o início dos anos noventa, Carcará sofria um total descaso, né? Por parte da administração municipal. Então não havia escolas, não havia energia elétrica, não havia postos de saúde nem transporte para aquela população que, na época, era composta por uma média de cem pessoas. Aí, a gente tem o que? Moradores de um povoado minúsculo do sertão alagoano isolados da educação, isolados dos meios de comunicação... Isolados do mundo. Então, ao meu ver, não é de se estranhar que tal evento tenha sido visto por aquela comunidade com tanta inocência.

5 (Fabiano Aparecido) - Ah, o Trem Baiano era grande!

10 (Denilson - "Coiote") - Era muito grande. Grande e alto. Se você pegasse uma carreta e colocasse ela lá dentro deitada, em pé, de todo jeito, ela cabia.

1 (Terônio da Silva) (Como quem calcula) - Acho que um prédio de uns quatro andar.

16 (José Agomar) - Agora, não tinha janela nenhuma. Depois que o camarada entrava lá, não via mais nada do que tinha fora. Nem a janela do motorista tinha.

5 (Fabiano Aparecido) - Parecia um ovo, né? Um ovo de cabeça pra baixo, preto.

4 (Silvaneide da Silva) - Ele vinha do céu, fazia como quem ia topiar no chão, mas não topava. Ficava na base de um metro do chão, por aí.

16 (José Agomar) - Não, não fazia zoada nenhuma. Eu não sei nem se tinha motor, aquele troço.

12 (Altemir Vieira) - A gente, que não tinha leitura, só ficava só olhando, só, né? Ficava com a cara pra cima, vendo aquele negócio grande. Eu mesmo não sei o que era aquilo, até hoje.

1 (Terônio da Silva) - Eu lembro até que a gente 'tava na casa-de-farinha, rapaz. Porque a gente tinha uma casa-de-farinha, sabe? Aí, na... no... naquele tempo, né? Em tempo de quaresma, a gente fazia pé-de-moleque, beju, essas coisa... Aí, 'tava lá, quando eu penso que não, chega o filho da Cilene: "Bora ver o balão, bora ver o balão!". Eu digo: "Oxe, Balão?! E é tempo de São João pra 'tar vendo balão aqui?", eu disse bem assim.

17 (Juliano - "Sururu") - Rapaz, com tanta cor bonita pra pintar, pintaram logo de preto? Aquele preto apagado... Botava um azulzinho, um roxinho, um begezinho...

2 (Gerusa) - Não sei por que chamava de "Trem Baiano". Devia ser "Balão Baiano", que não parecia um trem...

5 (Fabiano Aparecido) - Hoje, a gente sabe que não era nem trem, nem balão, mas se fosse pra escolher, pra comparar, no meu ver, 'tava mais pra balão, né? Desses que a gente vê nos filme da televisão.

10 (Denilson - "Coioote") - Não era um trem, mas a minha mãe ia chamar aquilo de que?

12 (Altemir Vieira) - Hoje, todo mundo aqui... Eu acho, né? Todo mundo aqui, hoje, sabe o que é um trem, mas, naquela época, ninguém sabia, não. Porque não tinha retrato, ninguém tinha visto nenhum retrato de trem.

6 (Maria da Conceição) - Eu acho que ficou o nome de "Trem" porque o pessoal ouvia dizer, né? Que quem andava de trem chegava num instante, e que o trem era grande. Eu acho que foi por isso.

18 (Olavo S. Mendonça) - Olha, de acordo com as falas de boa parte dos moradores de Carcará que teriam tido contato no final da década de oitenta com aquilo que hoje é conhecido na região como "Trem Baiano", esse veículo trata-se justamente de uma espaçonave cuja origens escapam ao nosso planeta.

16 (José Agomar) - Era coisa de outro mundo. Eu mesmo nunca vi nada parecido com aquilo, não.

4 (Silvaneide da Silva) - Ele parava no ar e não caía, não, o filho da peste. Eu não sei, não, que inteligência era aquela.

16 (José Agomar) - Eu não sei, não, como era que aquilo voava, oia! *(Enumerando com os dedos)* Porque não tinha asa, não saía vento...

18 Olavo S. Mendonça - Em outras palavras, ao menos de acordo com os dados, ao falarmos do Trem Baiano, podemos estar nos referindo a uma nave extraterrestre conduzida por um astronauta de outro planeta.

19 (Gerônimo Aquino) - Eu achei interessante, quando eu vi.

20 (Berenice dos Anjos) - No início, era só de vez em quando, que ele aparecia. Assim... uma vez por mês, depois duas. Dali a pouco, toda semana ele 'tava por aqui. Já era da casa, já.

21 (Sr. Manuel da Silva) - Tem um pessoal que diz que ele não veio da terra: veio do céu. Então era o que? Era um anjo? Não. Eu não acredito nisso, não, que ele não parecia um anjo...

22 (Aprígio Nunes) - Isso aí não é verdade, não, porque não tem condições. Entendeu? Não tem. (Repórter: "Qual a sua explicação para isso?") Não sei, mas deve ter outra explicação.

21 (Sr. Manuel da Silva) - Eu só via neguinho indo pra cima e pra baixo naquele negócio que parecia mais um ovo, mas eu nunca entrei, não. Nem eu, nem os meus filho, que eu não deixava. Eu sabia lá o que era que tinha lá dentro?

5 (Fabiano Aparecido) - É, né? Eu não vou mentir, não, que no começo eu tinha um pouquinho de medo, sabe? O bichão grande... Mas depois a pessoa fica mais relaxado, né? Todo mundo ia...

21 (Sr. Manuel da Silva) - É, mas eu não confiava, não. Eles voltava do mesmo jeito que saía, mas eu não confiava, não. De jeito nenhum. Os meus filho era tudo doido pra ir, né? Vendo que todo mundo ia. Mas eu não deixava, não, que quem mandava lá em casa era eu. Mandava e ainda mando, que eu ainda 'tô vivo. Depois que eu morrer, podem fazer o que quiser, mas enquanto eu 'tiver aqui...

6 (Maria da Conceição) - Eu não acredito que o motorista era um ET, que nem o pessoal diz. Porque ele tinha um jeito de ser uma pessoa tão boa...

10 (Denilson - "Coioote") - Era que nem a gente aqui, porra. Não 'tá vendo nós aqui? Pronto. Você 'tá vendo o motorista. Agora, se ele era um ET ou não, você tem que resolver com ele.

21 (Sr. Manuel da Silva) - Aí, teve um pessoal que se acostumou, né? Pra todo canto, queria ir de trem.

5 (Fabiano Aparecido) - Besta foi o motorista, que acostumou o povo.

20 (Berenice dos Anjos) - Não, não, não. Cabeçona, não. Era normal.

10 (Denilson - "Coioote") - Não, a boca dele era do tamanho da minha, porra.

6 (Maria da Conceição) - Não, era normal, o olho, só que era meio puxado, que nem olho de índio.

1 (Terônio da Silva) - (Gesticulando) Dessa altura, mais ou menos. Ele era mais alto que eu. E mais forte um pouquinho. Forte, corado. Que nem essas pessoa que a gente vê que tem saúde, mesmo, entendeu?

Olavo S. Mendonça - Há também relatos segundo os quais algumas pessoas, após terem tocado no casco da nave, teriam sentido que aquele material permanecia a uma baixa temperatura, mesmo exposto ao sol escaldante de uma região de clima árido, como é o caso de Carcará.

9 (Francisco Barbosa) - Eu chega tive um susto, quando eu topei.

8 (Josefa Maria) - Não, oxe! Ninguém precisava , não, de casaco, não, lá dentro. Era só do lado de fora que era frio.

Irander Evaristo - Se é que ele era realmente um extraterrestre, né? Veja bem, normalmente ele é descrito como um homem na faixa dos trinta e cinco anos, cabelos longos e escuros, pele vermelha. No geral, pelas descrições, nós arriscamos dizer que se tratava de um sujeito de aparência indígena, porém vestido com as roupas da moda da época.

20 (Berenice dos Anjos) - É interessante, porque ele só vestia uma roupa, só. Aquela calça boca-de-sino, camisa de manga comprida...

10 (Denilson - "Coiote") - Jimi Hendrix alagoano. (Risos)

1 (Terônio da Silva) - Ói, tá com quase trinta ano, mas, se eu ver ele hoje, eu conheço.

Olavo S. Mendonça - Outra característica muito citada pelos moradores é a da discricção. Quando eram feitas as viagens, ele não pousava em locais movimentados, povoados. Muito pelo contrário: para realizar o desembarque dos passageiros em qualquer lugar que não fosse Carcará, ele sempre procurava locais desertos, locais que ficavam nos arredores da cidade, do povoado destino.

7 (Meire Constanino) - Era em cada lugar da gota, que ele parava. Cada lugar no meio do nada...

2 (Gerusa) - Às vez, ele deixava nós em cada lugar esquisito... Eu ficava até com receio de descer. A sorte é que, quando não dava pra gente avistar a cidade de longe, ele ensinava o caminho pra nós chegar lá. (Repórter: "'Ele' quem?") O motorista.

16 (José Agomar) - Depois que a gente subia, esperava o que? Um minuto. Não, não dava um minuto, ia bater lá em salvador. Diga aí?!

Olavo S. Mendonça - Eu tenho uma teoria. A minha teoria diz que a demora não era para se deslocar de uma região até outra, e sim, para encontrar um lugar discreto o suficiente para que fosse feito o desembarque de maneira discreta. Para isso, ele realizaria deslocamentos infinitesimais de dobra até achar o local adequado.

Irander Evaristo - O especialista que tem investigado o fenômeno do Trem Baiano fala que a viagem acontece por teletransporte, né? Sobre isso, eu já não posso falar muita coisa, mas parece coerente, se a gente considerar a velocidade das viagens e as grandes distâncias. Quer dizer, viagens que normalmente durariam horas ou até mesmo dias de carro, eles faziam em questão de segundos.

Olavo S. Mendonça - E é durante esses oito meses, no ano de 89, que vão ser registradas mais de cem anomalias magnéticas num raio de mil quilômetros da região de Carcará. Quer dizer, vamos ter microavariações de dispositivos como bússolas, radares de instituições como exército, universidades e outras, ao mesmo

tempo. E mais da metade dessas ocorrências coincide com o dia e o horário aproximado em que alguns dos moradores viajaram. Bom, eu não sei quanto a vocês, mas é difícil para mim conceber isso tudo como simples coincidências.

14 (Pedro José) - Viajar pra Paulo Afonso, pra Salvador, que nem eu fui, tá certo, porque é longe. Mas a pessoa ir nele daqui até ali?! Pra você ver como botaram no costume: pra ir pra mata, que, daqui até lá não dá nem mil braça, o pessoal não queria mais ir de pé...

14 (Pedro José) - Eu ouvi dizer que teve até gente que enricou, né? É as história que o povo conta, é essa.

4 (Silvaneide da Silva) - Não sei se era na mata que tinha ouro ou se eles ganharam...

2 (Gerusa) - Passaram um tempo aí, né? Procurando o homem. Foi, foi que acharam.

5 (Fabiano Aparecido) - Ah, o Zé Pardal, ninguém sabe, não, pra onde foi, não.

4 (Silvaneide da Silva) - Conhecia, sim. Conhecia ele, a mulher dele, a menina dele. Aquela menina dele, hoje, deve 'tar uma mulher feita, já.

22 (Aprígio Nunes) - Ele sumiu no mundo, que ninguém viu mais.

10 (Denilson - "Coioote") - É o besta, aquele....! Foi só pegar o ouro e quebrar no beco.

Olavo S. Mendonça - E, nessa questão do ouro, uma figura que costuma ser bastante citada é a de um cidadão conhecido como Zé Pardal.

10 (Denilson - "Coioote") - Morava ali, ó, naquela casa ali, ó. É porque era numa casa de taipa, né? Aí foi derrubada, mas 'tá essa aí no lugar. Era aí. Tinha até um pé de, mas arrancaram.

19 (Gerôncio Aquino) - Eu acho que ele já tava meio doido, já. Até de noite ele saía pras banda da mata atrás de achar o amigo lá do... do motorista.

Olavo S. Mendonça - Há evidências também de que o astronauta não teria vindo sozinho, mas junto com um companheiro que, talvez, quem sabe, fosse o seu copiloto.

Irândir Evaristo - A ideia é que o piloto da nave tinha um amigo, e esse amigo, de alguma maneira, acabou se perdendo na região de Carcará... na mata, pelo que dizem. Então o que vai acontecer? O piloto, para encontrar o seu amigo, vai recrutar moradores do povoado, oferecendo ouro em troca daquele trabalho, além, é claro, das viagens.

Olavo S. Mendonça - A mola propulsora de toda aquela mobilização em função do resgate o segundo astronauta acabava sendo então o ouro, né? Porque quem não queria?

7 (Meire Constanino) - Quando o meu marido disse que ia, eu disse: "Vá lá, levar uma dentada da onça!". Ele só não topou com a onça, mas também, quando voltava, era com a cara toda rasgada de espinho. Eu digo: "O seu é esse!".

3 (Benedito Lopes) - Pra quem achasse o amigo dele na mata, ele dava ouro. O problema era achar.

Irander Evaristo - Algumas pessoas contam que, para incentivar a busca, né? O piloto, vez por outra, dava pequenas quantidades de ouro aos trabalhadores, que eram, no geral, homens.

12 (Altemir Vieira) - Aqui, era pra 'tar muita gente equilibrada, rapaz, porque quem procurou, ganhou ouro. Pouco ou muito, mas ganhou. Mas não souberam gastar... Eu só vi gente aqui trocar ouro por passarinho, galo de briga, cachaça...

5 (Fabiano Aparecido) - Teve um aí que pegou o dinheiro, comprou logo um carro do ano, sem saber nem andar nem de bicicleta. Só fez ligar o carro e bater. Teve que vender o carro pra pagar o conserto.

23 (Sidrônia Rafaela) - O marido da Mazé, mesmo, inventou-se de entrar na política, gastou o dinheiro todinho comprando voto. No final, nem a mulher dele votou nele. E quando ele foi votar, ainda votou errado, o fi' da peste!

3 (Benedito Lopes) - Mas o pessoal gastou ligeiro assim porque ganhou pouco. Quem ganhou mais foi o Zé Pardal, porque foi ele quem achou o cara.

24 (Rogério Pereira - "Vagalume") - Deixe eu dar um recado aqui pra ele. Eu posso dar? ... ZÉ PARDAL, SEU COVARDE! VOCÊ É UM COVARDE! PEGOU O DINHEIRO E DEIXOU NÓS AQUI, TUDO POBRE!!

5 (Fabiano Aparecido) - Ah, tem essa história aí, mas ninguém sabe, não, se é verdade, não. Eu sei que o Zé Pardal sumiu, né? No mesmo tempo que o Trem da Bahia parou de aparecer.

22 (Aprígio Nunes) - Eu acho que isso é só conversa, porque eu falava direto com o Zé, e eu nunca ouvi ele dizer que tinha achado ninguém...

9 (Francisco Barbosa) - Saiu com as trouxa dele tudinho. Foi. Eu vi quando ele foi embora.

13 (Carlos Gonzaga) - Lá pras banda de São Paulo. Ele e a mulher e a filha dele. Agora, eu só não sei se ele ainda 'tá por lá, né? Porque 'tá com o que? 'Tá com mais de vinte ano, já, né? Pode ser que ele já tenha ido pra outro canto.

12 (Altemir Vieira) - O pessoal acha que foi ele quem achou o homem porque foi assim: foi o "trem" indo embora num dia e ele viajando no outro. Aí, junta isso com o ouro que ele ganhou... Porque ele foi quem mais ganhou ouro, sabe? Aí, vão pensar o que?

4 (Silvaneide da Silva) - Porque ele procurou mais, né? Eu acho que ele se interessou mais que os outro, aí foi atrás. Eu também não sei se o pessoal procurou direito...

Irander Evaristo - Bom, ninguém sabe, ao certo, se o Zé Pardal realmente encontrou o amigo do astronauta. Na verdade, pode ser que esse amigo, né? Que esse copiloto nem sequer exista, porque parece que ninguém chegou a vê-lo. O que se sabe é que esse cidadão, o Pardal, partiu pra São Paulo um dia após a ida definitiva do trem Baiano.

Olavo S. Mendonça - O que a gente tem em termos de registro visual do Trem Baiano infelizmente se resume a uma única fotografia, em que se pode ver dois rapazes mostrando para a câmera, cada um, a sua porção de ouro, e, ao fundo, a nave suspensa no ar.

24 Leonardo pereira - Eu bati um monte, né? Só que eu acabei perdendo depois que eu parei de tirar foto. Porque eu não trabalho mais, não, com retrato, não, sabe? Aí, só ficou essa, mesmo.

Irander Evaristo - Tem um trabalho interessante feito por dois rapazes lá de Alagoas, que é uma história em quadrinhos chamada "Trem Baiano". Fora isso, eu não conheço nenhum outro trabalho que trate dessa história.

6 (Maria da Conceição) - Eu sinto falta, oia... Tem gente que tem medo, mas eu sinto falta.

2 (Gerusa) - Ah, eu acredito, sim, que ele vai voltar. Se ele veio uma vez, por que não vem outra?

25 (Inhame) - (Homem cantando repente) Êêêê... Carcará, Carcará, eu me lembro daquele ano, quando o povo todo foi viajar no Trem Baiano...

2 (Gerusa) - Não, o Trem Baiano, não. Ele 'tá aqui até hoje. 'Tá na cabeça do pessoal. 'Tá em todo canto. A gente lembra dele, a gente espera ele. Ele não esperava a gente, quando a gente viajava? Pois agora a gente espera ele.

FIM